



**CARTOGRAFIA ARQUEOLÓGICA NOS RIOS ERGES, ARAVIL  
E TEJO (IDANHA-A-NOVA E CASTELO BRANCO).  
PRIMEIRA NOTÍCIA<sup>1</sup>**

**Archaeological Cartography on rivers Erges, Aravil and Tagus.  
First Report**

Francisco Henriques<sup>2</sup>, João Carlos Caninas<sup>3</sup> e Mário Chambino<sup>4</sup>



**Palavras-chave:** Idanha-a-Nova, rio Erges, rio Aravil, arqueologia, arte rupestre

---

<sup>1</sup> A fotografia da capa documenta um trecho do rio Erges.

<sup>2</sup> Licenciado em Antropologia, arqueólogo, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo.

<sup>3</sup> Arqueólogo, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo.

<sup>4</sup> Licenciado em História pela Universidade Aberta, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo.

## **Resumo**

Apresentam-se os primeiros resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica desenvolvidos nos vales dos rios Erges, Aravil e Tejo pela Associação de Estudos do Alto Tejo, em 2007 e 2008.

## **Abstract<sup>5</sup>**

The text presents the first results of the archaeological cartography works, developed in the valeys of the Erges, Aravil and Tagus rivers by the Associação de Estudos do Alto Tejo in 2007 and 2008.

---

<sup>5</sup> Tradução de Luísa Carreiro Filipe.

## Introdução

A Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) desenvolve trabalho de cartografia arqueológica no concelho de Idanha-a-Nova (distrito de Castelo Branco), de modo ininterrupto, desde 1977.

Em 2007 e 2008 tal missão consistiu na prospecção da margem portuguesa do rio Erges, no concelho de Idanha-a-Nova (freguesias de Segura e Rosmaninhal), na continuação da pesquisa de ambas as margens do rio Aravil, nos concelhos de Idanha-a-Nova (freguesia de Rosmaninhal) e de Castelo Branco (freguesia de Monforte da Beira) e de um pequeno troço da margem portuguesa do rio Tejo (freguesia de Rosmaninhal).

Para além de um objectivo geral, o de dar continuidade a trabalhos de cartografia arqueológica extensiva, havia a intenção, muito específica, de identificar painéis rochosos com arte rupestre pré-histórica<sup>6</sup>, no Baixo Erges e no Baixo Aravil, depois de uma incursão efectuada nos anos setenta no primeiro daqueles rios (SERRÃO e SERRÃO, s/d)<sup>7</sup>.

De facto, as prospecções efectuadas anteriormente pela AEAT<sup>8</sup> incidiram prioritariamente no planalto e raramente nas margens dos principais cursos de água que limitam este território a Este, a Oeste e a Sul (rios Erges, Aravil e Tejo, respectivamente). Nesta região do Sudeste beirão, dois daqueles rios, o Erges e o Tejo, têm a particularidade de serem internacionais, materializando a fronteira entre Portugal e Espanha, ao longo de vários quilómetros.

## Os vales dos rios Erges, Aravil e Tejo

O rio Erges corre aproximadamente de Norte para Sul, afluindo na margem direita do rio Tejo e faz fronteira. O seu vale, em V, é relativamente estreito e profundo, e, principalmente nas cotas inferiores, devido à acção erosiva do rio, pode observar-se uma esteira de afloramentos xistosos no interior dos quais corre. Durante o Verão o caudal é fraco, restando os pegos por vezes longos e profundos. No Inverno, a situação inverte-se e pode transformar-se num curso de água com algum significado.

O revestimento arbustivo chega a poucos metros de distância do leito do rio. Nalguns pontos atinge densidade significativa e é caracterizado, predominantemente, pela presença de azinheiras, carrasqueiros, zambujeiros e matos diversos (rosmaninho, esteva, alecrim).

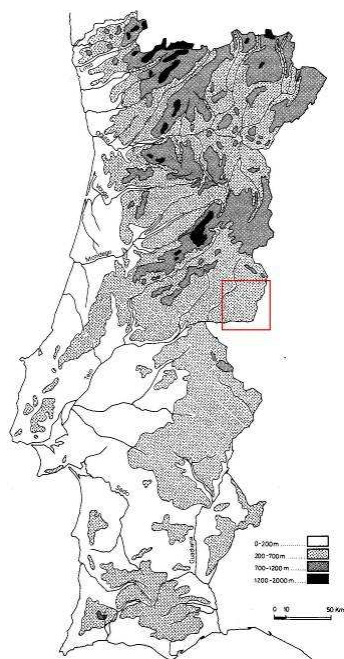
---

<sup>6</sup> Integráveis no complexo identificado nos anos setenta entre os concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa.

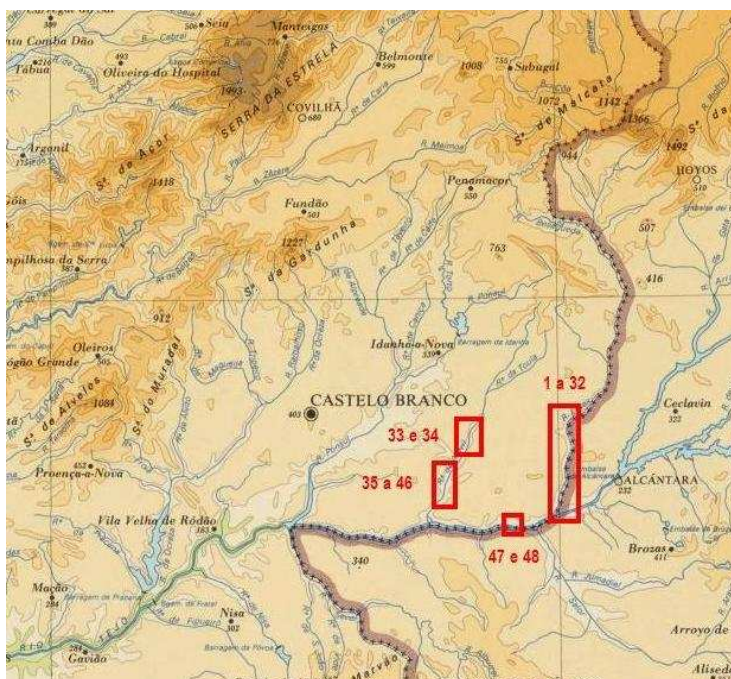
<sup>7</sup> Em esboço de relatório, inédito, elaborado pela equipa que fez o levantamento do complexo de arte do Tejo com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, e na sequência das prospecções efectuadas nos cursos de água que marginam os territórios de Vila Velha de Ródão, Nisa, Mação e Proença-a-Nova é referido o seguinte: *“haveria que alongar estes trabalhos prospectivos aos concelhos albacastrenses de Oleiros, Castelo Branco,... e Idanha-a-Nova, e aos concelhos portalegrenses de Gavião,... e Crato. Particular importância terá Malpica do Tejo, caso se confirmem recentes informações relativas a gravuras em determinado ponto do rio Ponsul, e ainda no Tejo Internacional, junto à boca do Erges. Isto sem nos referirmos já aos petróglifos localizados por Francisco Sande Lemos e Maria de los Angeles Querol (Abril de 1973) perto de Herrera de Alcantara, na margem esquerda do Tejo Internacional, que se inscrevem no aro espanhol, e bastante alargam o quadro geográfico do complexo tagano.”*

<sup>8</sup> Os resultados destes trabalhos constam em relatórios entregues aos sucessivos institutos de tutela e foram parcialmente publicados (HENRIQUES, CANINAS e CHAMBINO, 1993, 1995) decorrendo a preparação de uma monografia actualizada sobre o tema.

## CARTOGRAFIA ARQUEOLÓGICA NOS RIOS ERGES, ARAVIL E TEJO (IDANHA-A-NOVA E CASTELO BRANCO). NOTÍCIA, Francisco Henriques, João Carlos Caninas e Mário Chambino



**Figura 1.** Localização da área de trabalho em mapa hipsométrico de Portugal (adaptado de J. Alarcão, O Domínio Romano em Portugal, PEA, 1988).



**Figura 2.** Localização dos sítios arqueológicos referidos no texto sobre extracto da Carta Hipsométrica de Portugal (Instituto Geográfico e Cadastral).

Nos trechos já percorridos verifica-se que a presença humana contemporânea se consubstancia em inúmeras azenhas, açudes e levadas, actualmente abandonadas e em ruínas, numa e noutra margem. Há troços nos quais as azenhas se concentram mais na margem espanhola e noutros na margem portuguesa.

O rio Aravil corre quase paralelo ao rio Erges, de Nordeste para Sudoeste. É igualmente afluente da margem direita do rio Tejo e em parte do seu percurso divide os concelhos de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova. O caudal tem características torrenciais, sendo pouco significativo durante o verão, quase deixando de correr, para no período das chuvas atingir alguns metros de altura.

O fundo do vale, em parte significativa do percurso, está revestido com densa cobertura arbórea e arbustiva, dificultando a visibilidade do solo. Parece ter sido um vale pouco humanizado. A jusante da foz do Ribeiro do Freixo surgem então alguns moinhos, em ruínas.

Neste vale não abundem os painéis com condições de suporte para gravuras rupestres.

No vale do rio Tejo as margens são abruptas, encontram-se revestidas por denso matagal, sendo de difícil acesso. Toda a margem primitiva, com maior a probabilidade de conter gravuras rupestres, encontra-se submersa pelas águas da albufeira criada pela barragem de Cedillo.

Nesta zona, pesquisou-se um trecho com cerca de 400m de comprimento correspondente a uma plataforma de meia encosta, à qual associámos o topónimo Foz da Barroca do Pires, por se



situar imediatamente a Sul da confluência desta barroca no rio Tejo. Esta plataforma teve ocupação humana com fins agrícolas, há várias décadas, evidenciada por várias construções de pedra seca e um olival.

Em resultado das características morfológicas destes três vales e da baixa presença humana, pode ali observar-se grande variedade de fauna silvestre, que motivou, entre outros aspectos, a atribuição de estatuto de protecção ambiental (parque natural).

## Trabalho de campo

O trabalho de campo decorreu em 2007 e 2008 e contou com a participação dos signatários.

A área prospectada na margem direita do rio Erges situou-se entre a foz da ribeira da Enchacana e o correspondente à margem portuguesa da foz do Arroyo Boqueron, cerca de 2000m a montante da foz do rio Erges. Além dos resultados obtidos no vale, foram identificadas várias ocorrências de interesse arqueológico junto dos acessos usados para atingir o vale.

No vale do rio Aravil os trabalhos de prospecção recomeçaram em Porto dos Barros e terminaram junto da foz do Ribeiro do Campo, na margem direita. A algumas centenas de metros a jusante encontram-se as águas da albufeira de Cedillo.

O trabalho consistiu no percurso, a pé, das margens dos rios, junto do leito e na baixa encosta, com o objectivo, prioritário, de identificar painéis gravados com arte rupestre. As equipas foram constituídas por grupos de dois prospectores.

O condicionamento da progressão foi determinado pela topografia dos vales, cada vez mais encaixados à medida que se fazia a aproximação à foz dos rios Erges e Aravil, com a consequente dificuldade em se acompanhar o leito do rio e um avanço mais lento ao longo das margens, em virtude da sua configuração e revestimento arbustivo.

Os resultados obtidos no decurso destes trabalhos apresentam-se sob a forma de um inventário, expresso nos **Quadros 1, 2 e 3**, nos quais se identificam as ocorrências observadas nos vales dos rios Erges, Aravil e Tejo, respectivamente. Segue-se, no **Quadro 4**, um registo fotográfico ilustrativo de alguns tipos de sítios arqueológicos.

### Quadro 1 - Rio Erges - ocorrências documentadas em campo

Nº	Topónimo	Tipologia	Cronologia
1	Ribeiro das Taliscas (foz)	Inscrições	Moderna-Contemporânea
2	Fonte do Tio Crespo	Chafurdão, moinho e açude	Moderna-Contemporânea
3	Fonte do Rio Seco	Moinho	Moderna-Contemporânea
4	Mistro	Chafurdão e moinho	Moderna-Contemporânea
5	Mistro	Inscrição	Medieval-Contemporânea
6	Moinho Martins	Chafurdão	Moderna-Contemporânea
7	Fainina	Arte rupestre	Desconhecida
8	Azenha da Cabrala	Moinho	Moderna-Contemporânea
9	Fonte do Vau	Açude, moinho	Moderna-Contemporânea

**CARTOGRAFIA ARQUEOLÓGICA NOS RIOS ERGES, ARAVIL E TEJO (IDANHA-A-NOVA E CASTELO BRANCO). NOTÍCIA**, Francisco Henriques, João Carlos Caninas e Mário Chambino

10	Rib <sup>a</sup> do Salgueirinho	Arte rupestre	Desconhecida
11	Fonte do Vau	Açude	Moderna-Contemporânea
12	Ribeiro do Salgueirinho (foz)	Indeterminado	Moderna (?)
13	Ribeiro do Salgueirinho (foz)	Arte rupestre	Desconhecida
14	Ribeiro do Salgueirinho (foz)	Arte rupestre	Desconhecida
15	Aceña Encalada	Açude, moinho	Moderna-Contemporânea
16	Tremal	Marco	Contemporânea
17	Tremal	Arte rupestre	Neolítico-Calcolítico
18	Tremal	Arte rupestre	Neolítico-Calcolítico
19	Tremal	Muro-apiário	Moderna-Contemporânea
20	Zambuja	Açude, moinho	Moderna-Contemporânea
21	Tremal	Chafurdão	Moderna-Contemporânea
22	Tremal	Chafurdão	Moderna-Contemporânea
23	Serrinha	Dólmen e mamoa	Neolítico-Calcolítico
24	Serrinha	Mamoa	Neolítico-Calcolítico
25	Zambuja	Açude, moinho	Moderna-Contemporânea
26	Casas do Vale do Cura	Chafurdão	Moderna-Contemporânea
27	Ribeira da Enchacana	Poldras	Moderna-Contemporânea
28	Silha	Malhão	Moderna-Contemporânea
29	Poço da Calçada	Inscrição	Moderna-Contemporânea
30	Cabeço Vermelho	Dólmen e mamoa	Neolítica-Calcolítica
31	Cabeço Vermelho	Mamoa	Neolítica-Calcolítica
32	Erges	Povoado	Idade do Bronze

**Quadro 2 - Rio Aravil - ocorrências documentadas em campo**

Nº	Topónimo	Tipologia	Cronologia
33	Barroca dos Valagotos	Área mineira	Indeterminada
34	Cordão	Via	Romana-Medieval-Moderna
35	Fonte Enxofrada	Moinho	Moderna-Contemporânea
36	Cordão	Moinho	Moderna-Contemporânea
37	Foz do Ribeiro do Freixo	Conheira	Romana
38	Foz do Ribeiro do Freixo	Conheira	Romana
39	Foz do Ribeiro do Freixo	Moinho	Moderna-Contemporânea
40	Foz Ribeiro da Casta	Moinho	Moderna-Contemporânea
41	Foz Ribeiro da Casta	Moinho	Moderna-Contemporânea
42	Barros do Aravil	Conheira	Romana
43	Foz do Ribeiro do Calacú	Conheira	Romana
44	Foz do Ribeiro do Calacú	Estrutura	Indeterminada
45	Barros do Aravil	Conheira	Romana
46	Foz do Ribeiro do Campo	Moinho	Moderna-Contemporânea

**Quadro 3 - Rio Tejo - ocorrências documentadas em campo**

Nº	Topónimo	Tipologia	Cronologia
47	Foz da Barroca do Pires	Arte rupestre (covinha)	Indeterminada
48	Foz da Barroca do Pires	Arte rupestre (covinhas)	Indeterminada

**Quadro 4 – Registo fotográfico**



**Foto 1. Antropomorfos**



**Foto 2. Mamoa**



**Foto 3. Valva de molde de fundição**



**Foto 4. Conheira**



**Foto 5. Via**



**Foto 6. Muro-apiário**

## Considerações gerais

Face aos resultados agora divulgados, considera-se pertinente dar continuidade à prospecção arqueológica dos vales dos três rios, noutros trechos e em cotas mais elevadas. Porém, no caso do rio Tejo, a possibilidade de comprovar a extensão do complexo de arte rupestre, ao trecho internacional, será inviável por muitas décadas.

No que concerne à identificação de novas grafias rupestres, foi possível identificar seis painéis gravados, ainda que apenas dois se possam correlacionar com a arte esquemática do Tejo<sup>9</sup>. Na margem espanhola do rio Erges foram observados alguns painéis com gravuras<sup>10</sup> que, por razões óbvias, não estão documentados neste texto. A entrada nesta margem não visou a sua prospecção mas a necessidade de ultrapassar obstáculos na margem portuguesa, no decurso da progressão ao longo do rio.

No rio Aravil não foram encontrados painéis com gravuras. Finalmente, no curto percurso efectuado no rio Tejo foram observados dois painéis com covinhas.

A identificação de arte esquemática no rio Erges traduz a expansão, para montante, do território do vasto complexo de arte rupestre detectado no curso português, nos anos setenta do séc. XX. Porém, e com base no conhecimento actual acerca da distribuição daquelas gravuras pré-históricas no rio Tejo e seus principais afluentes, tem-se a convicção que a área nuclear daquele complexo mágico-simbólico estará situada nas margens do grande rio peninsular, sendo marginais as ocorrências existentes nos seus afluentes.

Ao longo das margens do rio Aravil e a cotas elevadas, relativamente ao curso actual do rio, foram identificadas seis áreas de exploração mineira, sendo conheiras (depósitos de detritos grosseiros) cinco dessas áreas. No seu curso superior e médio do rio Erges têm sido identificados, e estudados, importantes vestígios de mineração atribuível à época romana<sup>11</sup>. A identificação deste tipo de vestígios vem reforçar a importância mineira do sudeste beirão.

No rio Erges, tal como se observa nos rios Ocreza, Ponsul e noutros, ocorrem inscrições em correlação com os principais moinhos de génese moderna-contemporânea. As inscrições, e outros gravados, surgem em painéis situados junto dos moinhos ou na estrutura dos respectivos edifícios, em cunhais e umbrais. No rio Erges foram observadas gravações apenas em painéis localizados junto do moinho, não ocorrendo na sua estrutura. Cremos que este facto se poderá explicar pela existência de maior número de moinhos na margem espanhola, os quais não foram documentados, e pelo acentuado grau de destruição dos moinhos na margem portuguesa.

No rio Aravil não foram observadas inscrições associadas aos moinhos inventariados.

Na região correspondente ao rio Erges um terço das ocorrências inventariadas está implantado em plena plataforma, fora do vale daquele rio. Esta situação ocorreu no decurso das deslocações de acesso ao vale. Estas ocorrências estão na linha de continuidade dos achados

---

<sup>9</sup> Em estudo.

<sup>10</sup> Esta realidade foi objecto de comunicação apresentada por Hipólito Collado e Luis Nobre no Congresso Internacional de Arqueologia que teve lugar em Castelo Branco, em Abril de 2008, intitulada *Arte Rupestre e Território entre os Vales do Tejo e Guadiana*.

<sup>11</sup> Refira-se, entre os mais recentes, o trabalho de Sánchez-Palencia e Pérez (2005) na zona fronteiriça.



efectuados nos últimos decénios com destaque para o megalitismo (HENRIQUES, CANINAS e CHAMBINO, 1993; CARDOSO, CANINAS e HENRIQUES, 2003).

No decurso destes trabalhos, por vezes, identificam-se peças de especial interesse científico. Foi esse o caso de uma valva, inteira, correspondente a um molde de fundição de quatro varetas, em pedra (**Foto 3**). Tal como no caso vertente este tipo de peças ocorre em povoados. Moldes semelhantes a este foram recolhidos no decurso das escavações arqueológicas efectuadas, por Raquel Vilaça (VILAÇA, 1995), em quatro povoados do Bronze Final, do Centro e Sul da Beira Interior, nomeadamente em dois (Alegrios e Moreirinha) situados no concelho de Idanha-a-Nova.

### **Fontes de informação**

CARDOSO, João Luís, João Carlos CANINAS e Francisco HENRIQUES (2003) - **Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova)**, *O Arqueólogo Português*, Museu Nacional de Arqueologia, nova série, 21, pp. 151-207, Lisboa.

HENRIQUES, Francisco, João C. CANINAS e Mário CHAMBINO (1993) - **Carta Arqueológica do Tejo Internacional, vol. 3 (Idanha-a-Nova)**, *Preservação*, 16, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco, João C. CANINAS e Mário CHAMBINO (1995) - **Carta Arqueológica do Tejo Internacional, vol. 2 (Castelo Branco)**, *Preservação*, 15, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco, João C. CANINAS e João Luís CARDOSO (1998) - **Trabalhos de Cartografia Arqueológica no Concelho de Idanha-a-Nova**, Associação de Estudos do Alto Tejo.

HENRIQUES, Francisco, João C. CANINAS e João Luís CARDOSO (1999) - **Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova**, Associação de Estudos do Alto Tejo.

HENRIQUES, Francisco, João Carlos CANINAS e João Luís CARDOSO (2000-2001) - **Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Nisa**, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco, João C. CANINAS e Mário Lobato CHAMBINO (2004) - **Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica no Concelho de Idanha-a-Nova**, Associação de Estudos do Alto Tejo.

HENRIQUES, Francisco, e João Carlos CANINAS (2007) - **Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica na Freguesia de Monsanto (Idanha-a-Nova)**, Associação de Estudos do Alto Tejo.

HENRIQUES, Francisco, João Carlos CANINAS, Mário CHAMBINO e Victor CAMISÃO, (2007) - **Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica na Área do Rio Erges (Idanha-a-Nova)**, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

SÁNCHEZ-PALENCIA, F. Javier e L. Carlos PÉREZ GARCÍA (2005) – **Minería romana de oro en las cuencas de los ríos Erges / Erjas y Bazágueda (Lusitania): la zona minera de Penamacor-Meimoa**, in *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia*, Actas das 2ª Jornadas de Património da Beira Interior, Guarda, pp. 267-307.

SERRÃO, Vitor e E. da Cunha SERRÃO (s/d) – **Ensaio de Enquadramento Arqueológico do Complexo de Arte do Tejo**, capítulo de um relatório, inédito, elaborado pela equipa que fez o levantamento do complexo de arte do Tejo com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

VILAÇA, Raquel (1995) - **Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze**, 2 vol., Trabalhos de Arqueologia, 9, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Lisboa.